

necessitados, reanimando-lhes a organização geral, com os elementos de cura ao nosso alcance; entretanto, não sem ensinar, a cada enfermo, algo de novo que lhe reajuste a alma. Noutro tempo, tínhamos o campo de ação na célula física. Presentemente, todavia, essa zona de atuação é a célula mental.

Observando a disposição ativa do companheiro, meditei no tempo que dispendera, antes de participar dos serviços médicos da região superior a que fora conduzido, e perguntava a mim mesmo a razão pela qual fora Gotuzo tão depressa utilizado, ali, na esfera de socorro aos aflitos. Reparei, todavia, que o novo amigo não me recebia os pensamentos, nem mesmo de maneira parcial, demonstrando-se menos exercitado nas faculdades de penetração e, acompanhando-o ao recinto, onde o aguardava extensa clientela, notei que a assistência ali era ministrada a doentes em massa, dentro de vibrações mais grosseiras e lentas, exigindo a colaboração especializada de médicos desencarnados que, como acontecia a Gotuzo, ainda conservavam regular sintonia com os interesses imediatos da Crosta Terrestre.

VI

DENTRO DA NOITE

A diferença de atmosfera, entre o dia e a noite, na Casa Transitória de Fabiano, era quase inalterável. Não conseguiria estabelecer comparações apreciáveis, mesmo porque, durante todo o tempo de nossa permanência no instituto, estiveram acesas as luzes artificiais. Denso nevoeiro abafava a paisagem, sob o céu de chumbo e, ao que fui informado, grandes aparelhos destinados à fabricação de ar puro funcionavam incessantemente, na casa, renovando o ambiente geral. Víamos o Sol, fundamente diferenciado, em pleno crepúsculo. Semelhava-se a um disco de ouro velho, sem qualquer irradiação, a perder-se num oceano de fumo indefinível. Cotejando a situação com os quadros primaveris da Crosta Planetária, os ocasos da esfera carnal parecem verdadeiras decorações do paraíso.

Permanecíamos em região onde a matéria obedecia a outras leis, interpenetrada de princípios mentais extremamente viciados. Congregavam-se aí longos precipícios infernais e vastíssimas zonas de purgatório das almas culpadas e arrependidas.

Na verdade, muita vez viajara entre a nossa colônia feliz e o plano crostal do planeta, atravessando lugares semelhantes, mas nunca me demorara tanto em círculo desagradável e escuro como esse. A ausência de vegetação, aliada à neblina pesada e sufocante, infundia profunda sensação de deserto e tristeza.

Os amigos, porém, com a Irmã Zenóbia à frente, faziam quanto possível por converter o pouso socorrista num oásis confortador. Alguém chegou à gentileza de lembrar a oportunidade do quadro externo para que nos voltássemos para dentro de nós, com o proveito necessário.

— Sim — assentiu o Assistente Jerônimo — num abrigo de pronto socorro espiritual, é conveniente que não haja facilidade para distrações prejudiciais aos nossos deveres.

Estampou riso franco nos lábios e acentuou:

— Por isso mesmo, quando na Crosta da Terra, nunca tivemos descrições de infernos floridos ou de purgatórios sob árvores acolhedoras. Nesse ponto, os escritores teológicos foram exatos e coerentes. Aos culpados e penitentes confessos não convém a fuga mental. Em favor deles próprios, é mais razoável sejam mantidos em regiões desprovidas de encanto, a fim de permanecerem a sós com as criações mentais inferiores a que se ligaram intensivamente.

A conversação, rica de particularidades interessantes, compensava a aspereza exterior, valorizando o tempo, acerca do qual não se conseguia fazer nenhum cálculo, a não ser pela observação dos cronômetros que eram, aí, organizações preciosas e indispensáveis.

Ao soar das dezenove horas, orientados pela administradora da casa, preparámo-nos para a pequena jornada ao abismo.

Convocou Zenóbia vinte cooperadores para as tarefas de colaboração eventual e imediata, três mulheres e dezessete homens, que, à primeira vista, não pareciam pessoas de cultura e sensibilidade extremamente apuradas, mas que mostravam, no olhar sereno e firme, boa vontade sincera, dedicação leal e caráter resolutivo no espírito de serviço. Mais tarde, vim a saber que o instituto asila constantemente variados grupos de entidades, repletas de característicos humanos primitivistas, mas por-

tadoras de virtudes e valores apreciáveis, que colaboram na execução das tarefas gerais e se educam ao mesmo tempo, preparando-se para reencarnações e experiências de mais elevada expressão.

Dirigindo-se ao subalterno que recebera atribuições de sub-chefia, indagou Zenóbia, serena:

— Ananias, temos o material de serviço devidamente arregimentado? Não devemos esquecer, principalmente, as faixas de socorro, as redes de defesa e os lança-choques.

— Tudo pronto — respondeu, satisfeito, o colaborador.

Voltou-se, em seguida, para o nosso orientador e disse, bem-humorada:

— Irmão Jerônimo, convirá, desse modo, iniciar a marcha.

E, detendo-se, ao nosso lado, acrescentou:

— De antemão, rogo desculpas a todos se lhes tomar tempo para atendermos ao desventurado irmão a que me referi, satisfazendo a interesse que me é particular. A clarividência de Luciana e a oração de todos os amigos, porém, constituirão fatores decisivos em benefício da renovação dele, a fim de que aceite as providências redentoras do futuro. E' serviço que prestarão a mim própria, pelo qual serei devedora reconhecida.

Ligeiro véu de melancolia inexplicável toldou-lhe repentinamente o olhar, mas, cobrando ânimo novo, considerou:

— Além disso, o padre Hipólito endereçará apelos cristãos aos infelizes que choram na zona abismal. O fogo purificador passará amanhã e podemos ministrar-lhes aviso edificante.

O ex-sacerdote comentou, confortado:

— A cooperação será para nós um prazer.

Dirigindo-se, então, a grande número de companheiros e subordinados de serviço, a Irmã Zenóbia consolidou a atenção de todos para o desempenho do mapa de trabalhos que havia planejado para tão significativa noite. A casa deveria per-

manecer atenta à contribuição que receberia dos institutos congêneres, no dia imediato, pela manhã; alguns servidores seguiriam para a Crosta, prestando apoio à expedição Fabiano, nalguns casos difíceis de reencarnação compulsória; certos departamentos abrir-se-iam à visita dos encarnados parcialmente libertos da Crosta, em momentos de sono físico, para receberem benefícios magnéticos, de conformidade com as solicitações autorizadas; determinadas dependências seriam preparadas devidamente para a eventual recepção de missionários do bem, procedentes das esferas elevadas; organizar-se-iam leitos para alguns desencarnados prestes a serem trazidos, segundo notificação anteriormente recebida; duas enfermeiras, orientadoras de colônias espirituais para regeneração, trariam vinte crianças recém-libertas dos laços carnaís, no sentido de se avistarem com as mães que viriam da Crosta, amparadas por amigos para reencontro confortador, em caráter temporário; variadas delegações de trabalho espiritual, junto a instituições piedosas, encontrar-se-iam no abrigo para combinar providências; duas novas missões de socorro alcançariam o asilo, dentro de breves horas, e demorar-se-iam até pela manhã, conforme aviso prévio; todos os trabalhos preparatórios da mudança assinalada para o dia seguinte deveriam ser levados a efeito; medidas outras de menor significação foram recomendadas e, por fim, a diretora notificou que o recinto de orações deveria aguardá-la, em posição de iniciar a prece de reconhecimento da noite, sem nenhuma delonga.

Não conseguia disfarçar a surpresa, examinando semelhante quadro de obrigações, porque, segundo cálculo efetuado, momentos antes, a Irmã Zenóbia estaria ausente apenas quatro horas.

Ultimando providências, acenou para nós, convidando-nos a acompanhá-la. E ao transpormos o limiar, explicou-nos, cuidadosa:

— Convém manter apagado, no trajeto, todo

o material luminoso. — E fitando-nos, resoluta, informou — Quanto a nós, sigamos silenciosos, a pé. Não será razoável utilizar a volição em distância tão curta. Mais justo assemelharmo-nos aos pobres que habitam estes sítios, perante os quais, enquanto perdure a pequena caminhada, devemos guardar a maior quietude. Qualquer desatenção prejudicar-nos-á o objetivo.

Decorridos alguns instantes, atravessávamos as barreiras magnéticas de defesa e púnhamo-nos a caminho.

Noutras circunstâncias e noutro tempo, não conseguiria eu dominar o pavor que nos infundia a paisagem escura e misteriosa, à nossa frente. Vagavam no espaço estranhos sons. Ouvia perfeitamente gritos de seres selvagens e, em meio deles, dolorosos gemidos humanos, emitidos, talvez, a imensa distância... Aves de monstruosa configuração, mais negras do que a noite, de longe em longe se afastavam de nosso caminho, assustadicas. E embora a sombra espessa, observava alguma coisa da infinita desolação ambiente.

Após alguns minutos de marcha, surgiu-nos a Lua, como bola sangrenta, através do nevoeiro, espalhando escassos raios de luz.

Podíamos identificar, agora, certas particularidades do terreno áspero.

A Irmã Zenóbia colocara adestrado auxiliar diante de nós, especialista na travessia daquelas sendas estreitas, e, conforme recomendação inicial, guardávamos rigoroso silêncio, em fila móvel, ganhando a estrada hostil.

Atingimos zona pantanosa, em que sobressaía rasteira vegetação. Ervas mirradas e arbustos tristes assomavam indistintamente do solo.

Fundamente espantado, porém, ao ladear imenso charco, ouvi soluços próximos. Guardava a nítida impressão de que as vozes procediam de pessoas atoladas em repelentes substâncias, tais as emanções desagradáveis que pairavam no ar. Oh!

que forças nos defrontavam, ali! A treva difusa não deixava perceber minudências; todavia, convencera-me da existência de vítimas vizinhas de nós, esperando-nos amparo providencial. Estaria-mos ante o abismo a que se referira a administradora da Casa Transitória? Optei pela negativa, porque a expedição não se deteve em tão angustioso lugar.

Jerônimo seguia rente aos meus passos e não contive a indagação que me escapou, célere:

— Jazem aqui almas humanas?

O interpelado, em atitude discreta, somente respondeu num gesto mudo, em que me pedia calar.

Bastaram, no entanto, minhas quatro palavras curtas para que os lamentos indiscriminados se transformassem, de súbito, em rogativas tocantes e estertorosas:

— Ajude-nos, quem passa, por amor de Deus!

— Salvai-nos por caridade!...

— Socorro, viandantes! socorro! socorro!

Verificou-se, então, o imprevisto. Certamente, as entidades em súplica permaneciam jungidas ao mesmo lugar, mas figuras animalescas e rastejantes, lembrando sáurios de descomunais proporções, avançaram para a nossa caravana, ausentando-se da zona mais funda dos charcos. Eram em grande número e davam para estarrecer o ânimo mais intrépido. Experimentei o instinto de utilizar a volição e fugir à pressa. Entretanto, a serenidade dos companheiros contagiava e esperei firme. Quase imperceptível estalido partiu da destra da Irmã Zenóbia, e dez auxiliares, aproximadamente, utilizaram minúsculos aparelhos, emitindo raios elétricos de choque, através de insignificantes explosões. Não obstante ser fraca a detonação, a descarga de energia revelava vigoroso poder, tanto que os atacantes monstruosos recuavam, precipitados, recolhendo-se ao pântano, em queda espetacular sobre a lama grossa.

Multiplicavam-se as lamentações dos prisioneiros invivíveis da substância viscosa.

— Libertai-nos! libertai-nos!...

— Socorro! socorro!

Cortavam-me a sensibilidade aquelas imprecações pungentes e dolorosas, mas ninguém parou. Seguiu a expedição, diligente e muda.

Compreendi que estavam em jogo maiores interesses de trabalho e não insisti. Minha posição era a do subalterno chamado a cooperar.

Mais alguns minutos e havíamos varado a região dos charcos. Penetrando terreno de configuração diferente, aliviou-se-me, de algum modo, o coração condoído. Entretanto, agora, vultos negros de entidades humanas esgueiravam-se, junto de nós. Aproximavam-se com a visível disposição de atacar, recuando, porém, inesperadamente. Supus, por minha vez, que o movimento de recuo ocorria logo que eles observavam a extensão do nosso grupo de vinte e cinco pessoas. Temiam-nos a expressão numérica e fugiam, pressurosos.

Prosseguindo a marcha, penetrámos escarpada região e, atendendo ao sinal da Irmã Zenóbia, os vinte auxiliares que nos seguiam postaram-se em determinado ponto, com a recomendação de nos aguardarem a volta.

A diretora da Casa Transitória, então, conduziu-nos os quatro, caminho a dentro, acentuando que encetaríamos isoladamente a primeira parte do programa de serviço. Em semelhante paragem, a atmosfera rarefazia-se de maneira sensível. A Lua pareceu menos rubra, a relva mais doce, o ar mais tranquilo.

— Estamos em reduzido oásis de paz, em meio de extenso deserto de sofrimentos — esclareceu Zenóbia, quebrando o longo silêncio. — Agora podemos falar e atender aos objetivos de nossa vinda.

Logo após, evidenciando preocupação em sossegar-nos o íntimo, referentemente aos sofrendores

anônimos que encontráramos no caminho, explicou-nos, delicadamente:

— Não somos impermeáveis às rogativas dos nossos irmãos que ainda gemem no charco de dor a que se atiraram voluntariamente. Dilaceram-nos o espírito as imprecações dos infelizes. No entanto, a Casa Transitória de Fabiano tem-lhes prestado o socorro possível, ajuda essa que, até hoje, vem sendo repelida pelos nossos irmãos infortunados. Debalde libertamo-los, periodicamente, dos monstros que os escravizam, organizando-lhes refúgio salutar. Fogem de nossa influência retificadora e tornam espontaneamente ao charco. É imprescindível que o sofrimento lhes solidifique a vontade, para as abençoadas lutas do porvir.

Estabelecida a ressalva, que percebi especialmente formulada de modo indireto para mim, Zenóbia continuou, bastante emocionada:

— Compete-me, agora, alguns esclarecimentos. Neste instante, deve esperar-nos, na orla do abismo, o irmão a que aludi, devotado amigo para mim, noutro tempo, e pelo qual devo trabalhar, na atualidade, através de todos os recursos legítimos, ao meu alcance. Infelizmente, o pobrezinho mantém-se em padrão vibratório dos mais inferiores. Creio precisas estas explicações preliminares, facilitando-lhes a obsequiosa colaboração desta noite. Muitas vezes, a surpresa dolorosa compele-nos à solução de continuidade no serviço a fazer. Daí minha preocupação justa em prestar-lhes os informes devidos. Trata-se do padre Domênico, entidade a quem muito devo. Foi ele clérigo menos feliz, incapaz de manter-se fiel ao Senhor até ao fim de seus dias. Iniciou-se nas lutas humanas, tocado de sublimes esperanças, na primeira mocidade; entretanto, porque os desígnios do Pai eram diversos dos caprichos que alimentava no coração de homem apaixonado e voluntarioso, em breve caía em despenhadeiros que lhe valem os amargos padecimentos, depois do túmulo. Aproveitou-se das casas consagradas à

fê viva para concretizar propósitos menos dignos, conspurcando a paz de corações sensíveis e amorosos. Recebeu todas as advertências e avisos salutareis tendentes a modificar-lhe a conduta criminosa e desvairada. Todavia internou-se fundamente no lamaçal escuro dos erros voluntários, desprezando toda espécie de assistência salvadora. Colaborei durante anos consecutivos nos serviços de orientação que lhe eram ministrados, mas, pela expressão intensa de fragilidade humana que ainda conservava em minha alma, abandonei-o, também, à própria sorte, absorvida por sentimentos de horror. Minha deliberação estabeleceu comprida pausa de tempo em nossas relações diretas. Mais de quarenta anos rolaram, entre nós. De tempos a esta parte, porém, seus sofrimentos acentuaram-se de maneira terrível, obrigando-me a mobilizar minhas humildes possibilidades em seu favor. Desencarnado, desde muito, voltou da Crosta em angustiosas circunstâncias. Ocasinou desastres morais de reparação muito difícil. E ainda permanece insensível às nossas exortações de amor e paz, conservando-se em posição psíquica negativa. Precipitou-se em temível aridez do coração, envolvendo-se em forças que o aniquilam e entorpecem cada vez mais. Para que males maiores não lhe ocorram, fui, a meu pedido, autorizada a incluí-lo entre os tutelados externos de nossa instituição. Consegui, desse modo, que alguns de nossos cooperadores lhe atenuassem o movimento fácil, sem que pudesse ele dar conta de nossas operações fluídico-magnéticas, nesse sentido. Tem sofrido muito. No entanto, apesar da prostração, ainda não modificou a mente, mantendo-se em pesadas trevas interiores e subtraindo-se, sistematicamente, a qualquer esforço de auto-exame, que lhe facilitaria, sem dúvida, algum repouso espiritual. Além desse alívio, que lhe é sumamente indispensável, o padre Domênico necessita regressar à experiência construtiva na Crosta Planetária, recapitulando o pretérito em ser-

viço expiatório. Entretanto, a situação mental em que se demora cria-lhe empecilhos de vulto, dificultando-nos a ação intercessória. Urge, porém, que regresse à reencarnação. Amigos nossos, devotados e solícitos, amparam-me o pedido em benefício dele e Domênico voltará a unir-se, como filho sofredor de uma das suas vítimas de outro tempo, vítima e verdugo, porque, num gesto de vingança cruel, o ofendido eliminou o ofensor com a morte. Para reintegrar-se nas correntes carnaís, preciosas e purificadoras, deve o infortunado adquirir, pelo menos, a virtude da resignação, de modo a não aniquilar o organismo daquela que, desempenhando sublime tarefa de mãe, lhe conferirá, carinhosamente, a nova personalidade. Pela obtenção desse resultado, é imprescindível que melhore interiormente. Se conseguirmos que um raio de luz lhe penetre o íntimo, se possibilitarmos a eclosão de algumas lágrimas que lhe desabafem o coração, dilatando-lhe o entendimento, experimentará novas percepções visuais e, provavelmente, conseguirá enxergar aquela que lhe foi desvelada genitora, na derradeira romagem dos círculos carnaís. Conseguida essa providência, creio será ele conduzido facilmente à indispensável conformação e às medidas iniciais da recapitulação terrestre.

Estabeleceu-se natural intervalo nas considerações de Zenóbia. Nenhum de nós ousou formular qualquer interrogativa. Ela, porém, prosseguiu, humilde:

— Desde alguns dias, ouve-nos Domênico a voz, tal como o cego que não consegue ver. Não posso identificar-me perante ele, a fim de não lhe prejudicar o trabalho de redenção, mas espero que, nesta noite, muito possamos fazer em seu favor, com os valores da prece, aguardando, ainda, que os informes, detalhados e instrutivos, a serem prestados pela clarividência de Luciana, lhe possam elevar o **tônus vibratório**, e, ocorrendo isso, como espero em Nosso Senhor, chamarei mentalmente

a nossa irmã Ernestina, que lhe foi mãe dedicada e compassiva, com o fim de o recolher e conduzir à Crosta para as providências cabíveis. Estou convencida de que, podendo ver a genitora, Domênico se transformará em breves dias, preparando-se para a reencarnação próxima com o valor desejado.

Indicando determinado ponto da paisagem, informou:

— Em vista do serviço a realizar, recomendei que dois auxiliares o trouxessem a local adequado, onde possamos orar livremente e auxiliá-lo com as nossas palavras, sem interferências estranhas.

Em seguida, rogou, comovidamente:

— E agora que iniciaremos o trabalho de tanta significação para minha alma, insisto para que me perdoem o caráter pessoal da tarefa. E' que a oportunidade de nos reunirmos, cinco irmãos tão bem sintonizados, não é bastante comum e, em vista da providência assinalada para amanhã, sinto que não devo adiá-la, porquanto a desintegração de resíduos inferiores pelo fogo etérico se faz acompanhar de muita renovação nestes sítios. Poderíamos, desse modo, Ernestina, Domênico e eu perder sagrado ensejo, de repetição problemática.

Calou-se, de súbito, a orientadora, conservando-se na atitude de quem medita, em silêncio, de coração voltado para o Todo-Poderoso. Decorridos alguns momentos, prosseguiu, acentuando:

— Estejam certos de que serão meus credores para sempre.

Tendo-se em conta a elevada posição da diretora da Casa Planetária, comovia-nos semelhante demonstração de humildade.

Constrangidos quase, diante de seu exemplo cristão, seguimo-la a pequena eminência do solo, vagamente iluminada, onde dois companheiros velavam diante de alguém estendido em decúbito dorsal. A mentora benevolente dispensou ambos os auxiliares, recomendando-lhes integrar a comissão de serviço, que se postara distante. Em seguida,

Zenóbia aproximou-se, maternalmente, e, deixando-nos surpresos, sentou-se na erva rasteira, colocando a cabeça do infeliz no regaço carinhoso.

Aquele homem, trajando burel esfarrapado e negro, exhibia horripilante fâcies. Não obstante a sombra, viam-se-lhe os traços fisionômicos, que inspiravam compaixão. Cabelos em desalinho, olhos fundos na caverna das órbitas, boca e nariz tumefactos em horrível máscara de ódio e indiferença, dava ele a impressão de celerado comum, que só a enfermidade conseguira imobilizar para a prestação de contas com a justiça. Não acusou emoção alguma ao contacto daquele colo amoroso e nem se apercebeu de nossa presença amiga. De olhar parado no espaço, num misto de desespero e zombaria, semelhava-se a uma estátua de insensibilidade, vestida de farrapos hediondos.

— Domênico! Domênico! — chamou a Irmã Zenóbia, com ternura fraternal.

Deveria o interpelado experimentar extrema dificuldade na audição, porque somente depois de pronunciado o seu nome diversas vezes, foi que, como alguém que registasse sons de muito longe, exclamou irritado:

— Quem chama? quem chama? oh! poderes orgulhosos que desconheço, deixai-me no inferno! não atenderei a ninguém, não desejo o céu reservado a prediletos... pertenço aos demônios do abismo! não me perturbem!... odeio, odiarei para sempre!...

— Quem te chama?! — considerou a diretora, delicada e afetuosamente — somos nós que te desejamos o bem.

O infeliz, entretanto, ao que observei, não se apercebeu da frase confortadora, porque continuou praguejando, insensível:

— Malvados! gozam no paraíso, enquanto sofremos dores atrozes! Não-de pagar-nos! Deram-me

direitos no mundo, prometeram-me a paz celestial, conferiram-me privilégios sacerdotais e precipitaram-me nas trevas! Desalmados! Satã é mais benigno!...

Nossa venerável irmã, no entanto, longe de irritar-se, falou pacientemente:

— Pediremos a Jesus te restitua, ainda que, por alguns momentos, o dom de ouvir.

Solicitando-nos acompanhar-lhe a rogativa, invocou:

— Senhor, dá que possamos amparar teu infeliz tutelado! Tens o pão que extingue a fome de justiça, a água eterna que sacia a sede da paz, o remédio que cura, o bálsamo que alivia, o verbo que esclarece, o amor que santifica, o recurso que salva, a luz que revela o bem, a providência que retifica, o manto acolhedor que envolve a esperança em tua misericórdia!... Mestre, tu, que fazes descer a bendita luz de teu reino aos que ainda choram no vale das sombras, concede que o teu discípulo transviado possa ouvir aqueles que o amam!... Pastor Divino, compadece-te da ovelha desgarrada do aprisco de teu coração! Permite que aos seus ouvidos tenham acesso os ecos suaves de teu infinito amor!... Concede-nos semelhante alegria, não por méritos que não possuímos, mas por acréscimo de tua inesgotável bondade!...

Oh! mais uma vez, reconheci que a prece é talvez o poder máximo conferido pelo Criador à criatura!

Em seguida à súplica, sensibilizado, observei que de todos nós se irradiavam forças brilhantes que alcançavam o tórax de Zenóbia, como a reforçar-lhe as energias, e de suas mãos carinhosas e beneméritas, então iluminadas de claridade doce e branda, emanavam raios diamantinos. A amorável amiga colocou-as sobre a fronte do desventurado, oferecendo-nos a certeza de que maravilhosas energias se haviam improvisado em benefício dele.

Chamou-o, novamente, grave e terna.

O interpelado, agora, revelando capacidade auditiva diferente, fez imenso esforço por levantar-se, tateou em torno de si, e bradou:

— Quem está aqui?

— Somos nós — respondeu Zenóbia, desvelada — que trabalhamos em teu favor, a fim de que obtenhas paz e luz.

— Quimeras! — gritou o infortunado, acusando alguma transformação íntima — fui traído em meu ministério sacerdotal, negaram-me os direitos prometidos, fui espezinhado e ferido! Que desejais de mim? Lastimar-me? não necessito da compaixão alheia. Aconselhar-me? impossível. Estou cego e atormentado no inferno por deliberado menosprezo das forças divinas que me desampararam totalmente!

— Domênico — falou-lhe, então, Hipólito, a pedido da orientadora, que lhe fez silencioso gesto de solicitação, nesse sentido, dando-nos a ideia de que não desejava empregar a própria voz, na conversação que se iniciava — não te rebeles contra a determinação da Justiça Divina.

— Justiça? — replicou ele, vibrando de emotividade — e não tenho fome do direito? não possuía eu prerrogativas no apostolado? não fui sacerdote fiel à crença? Há muitos anos padeço nas trevas e ninguém se lembrou de fazer-me justiça.

— Acalma-te! — disse o nosso companheiro com voz firme — a consciência é juiz de cada um de nós. Possivelmente envergaste a batina fiel à crença, mas desleal ao dever. Temos conosco alguém com bastante poder de penetração nos escaninhos de tua vida mental. Espera! Vamos orar em silêncio para que a bênção do Senhor se faça sentir em teu coração e, em seguida, passaremos a auxiliar-te para que releias, com a serenidade precisa, o livro de tuas próprias ações, compreen-

dendo a longa permanência nos despenhadeiros fatais.

O infeliz emudeceu por momentos e, tomados do forte desejo de auxílio, endereçamos fervorosa súplica à Esfera Superior, rogando lenitivo para o sofredor e bastante luz para a nossa irmã Luciana, a fim de que pudesse ver aquela consciência culpada com a eficiência precisa.